

Atualidade de Paulo Freire: há razões para retomar o seu legado e comemorar o seu centenário?

Current affairs by Paulo Freire: are there reasons to resume his legacy and celebrate his centenary?

Actualidad de Paulo Freire: ¿hay motivos para retomar su legado y celebrar su centenario?

Gomercindo Ghiggi – Universidade Federal de Pelotas

Marta Nörnberg – Universidade Federal de Pelotas

Paulo Freire completa em 2021 o seu centenário. Neste mesmo ano, a Faculdade de Educação da UFPel comemora 45 anos de história. E tomando os tempos atuais como base para pensar a educação, a vida e o diálogo, em contraponto à morte e à intolerância, algo resta para celebrar? E por que Freire como fonte principal para o diálogo ante os desafios contemporâneos?

Ousamos, neste momento, indicar caminhos para o diálogo. Freire é sempre central para refletir os tempos atuais porque é filósofo que dá consistência à pedagogia crítica¹ e fomenta práticas coletivas que possibilitam sustentar a ideia de que a educação serve à transformação. Assim como a cultura, a educação sempre se envolve com mudanças pela formação de subjetividades, trazendo para o cenário novas vitalidades. Freire, porque é capaz de ajudar teóricos críticos americanos, por exemplo, a reconhecer que a atividade pedagógica dominante, normalmente presente em escolas “democráticas, estava firmemente acorrentada a uma ordem social liberal-capitalista que reproduz a desigualdade a nível ideológico, através do contrato lockiano, pelo

¹ Embora Paulo Freire seja considerado por McLaren o fundador da pedagogia crítica (1998, p. 58), ter ganho estatuto e força explicativa e conquistado espaços na educação brasileira e internacional (o particular, bem assumido e realizado, universalizou Freire e sua obra), não é raro encontrar intelectuais para quem Freire não é senão *peça que encanta* e enfeita o bem comportado *desfile acadêmico*.

qual relações assimétricas de poder são legitimadas sob a bandeira da agência autônoma e da livre competição no mercado capitalista” (McLAREN, 1999, p. 28). Freire, porque constrói e teoriza a prática, não reduzida à experiência imediata, e desconstrói axiomas filosófico-pedagógicos que, embora por outros pensadores tematizados, são dimensões fundantes à ação política docente, combatendo absolutismos dogmáticos e autoritários e relativismos licenciosos, cujos preconceitos e dogmas são balizas permanentes à demarcação dos campos epistemológico e político.

As leituras contemporâneas, ao construir condições de possibilidade, e as criadoras de desconstrução² e desdogmatização, ao reconhecer diversas consciências como construções, pouco constituem critérios problematizadores de pensamentos solipsistas, que não raro tornam-se fundamentos exclusivos de ações decorrentes. Por isso, com este dossiê temático, defendemos a retomada de Paulo Freire e o estudo de sua obra como ato político e ético-estético em favor da educação pública e da vida compartilhada.

Freire, atual, quer que seu pensamento seja recriado; não quer discípulos nem seguidores, mas recriadores curiosos de suas próprias curiosidades. Sem absolutização, no singular e no plural, aproximamo-nos de Freire, em quem temos encontrado gente e teoria, com quem e com o que pensamos. Com Freire e suas ideias, e com toda a gente que com ele pensa, é possível fazer dialogar nossas próprias reflexões e realizar trocas intersubjetivas. Especialmente, também com Freire, dialogar com os e as docentes que na escola vivem dimensões pedagógicas e políticas da educação, sem omitir trocas e inquietações, com autoras e autores e também com teorias, como será possível ler nos textos que seguem.

Defendemos a presença *forte* de Freire em pesquisa educacional porque é necessário confrontar a vitalidade de seu texto com as urgências do presente. Retomamos Freire porque seu programa político-pedagógico é projeto que fortalece a construção contra-hegemônica, necessário para enfrentar fatalismos culturais excludentes que, assustadoramente, vêm se impondo como *único expediente*. Estamos de acordo com Torres (1998) quando afirma que “[...] é possível concluir que há boas razões pelas quais, na pedagogia da atualidade, podemos ficar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire”³ (p. 97). Torres desenvolve a afirmação defendendo que é fundamental realizar estudos sobre processos educacionais em Freire partindo de uma “[...] dupla perspectiva: usando a lente da classe hegemônica – reprodução de relações sociais de produção – e usando a lente das classes subordinadas – educação como forma de construir uma nova hegemonia”. E segue com lucidez pedagógica e política afirmando: “a noção de Freire de uma relação dialética entre a liderança revolucionária

² São desconstruções particularmente relativas às reivindicações de conhecimento universal em suas tendências não poucas monológicas, embora incursões provocadoras de tensões substanciais.

³ Tendo por base que os *locais pedagógicos*, escolares ou não, são condicionados por ideologias e políticas dominantes e domesticadoras, qual será o espaço possível à pedagogia libertadora? Freire tem *base histórica*, que lhe dá crédito para falar...

e as massas tem um terreno rico nas práticas educacionais, na verdade – em termos gramscianos – um rico terreno para desenvolver a liderança de trabalhadores [...]” (TORRES, 1998, p. 97). Retornamos a Freire porque é um pensador que, tomando as vertentes teórico-filosóficas da dialética e da fenomenologia⁴, busca superar o relacionamento de oposição entre teoria e prática, desafiando e propondo a desdogmatização⁵ do próprio estatuto de verdade das pedagogias *críticas*.

Freire é imprescindível para a história presente porque, enquanto pensador do seu tempo, testemunha e oferece fundamentos para pensar a escola em contexto, não por certezas absolutas (atestado de falência da capacidade humana nos humanos), nem como índice de rigor teórico e conceitual, mas, generosamente, como içamento de ideias que propõem referenciar práticas humanas, mantendo como centralidade a permanente possibilidade da dúvida, princípio genuinamente, em Freire, epistemológico e político. É por isso que Freire *dá o que pensar*, colocando à disposição do mundo contemporâneo possibilidades de confrontos teórico-práticos referentes à totalidade das relações, o que torna fundamental a problematização de verdades absolutas, conforme alega o modelo cartesiano⁶.

Freire, porque busca refundamentar a educação em sua base epistemológica e ética, condição de possibilidade de exercício moral mínimo com vistas ao que é ontologicamente máximo na relação social. É pensador e educador que põe em cena o sujeito da educação, não em perspectiva metafísica pura, mas na condição histórica em que vive, tornando-se intersubjetivo de suas relações em comunhão ou confronto com outros sujeitos; sujeito, não na perspectiva ocidental-cartesiana da modernidade, mas como ser histórico que vai se constituindo, sem negar a dimensão metafísico-ontológica que carrega. Diferentemente do modelo cartesiano, Freire não busca a verdade inabalável, mas a sua construção, que inicia com a decisão de não aceitar certezas absolutas e dogmatizadas, conferindo ao comportamento uma atitude filosófica. É assim que Freire, contra erudições em torno da negação da possibilidade de conscientizar alguém, é um pensador que mexe com o mundo da educação, talvez porque é pessoa e educador, que não necessitava gravar em placas de bronze suas reflexões e ações; talvez porque continua gravando no coração de muitas pessoas mensagens de esperança e de inconformismo permanente perante a injustiça⁷, iluminando caminhos, sem precisar brilhar, ante intelectuais outros, que *brilham* sem conseguir iluminar. Freire, porque seu “vocabulário filosófico permite ao mundo [...] adquirir visibilidade, permite-lhe inscrever-se como texto a empreender e a

⁴ A fenomenologia é assumida como ferramenta para entender a realidade, fazendo da realidade fenômeno da consciência, provocando-a (a realidade) a mostrar-se à experiência humana através do desafio à própria prática.

⁵ Desdogmatizar sob o dever de evitar a dogmatização possibilita, pela própria desdogmatização, como sugere Freire, *interrogar e desafiar* quando *manuals* dão respostas e dogmatizam.

⁶ Não obstante as críticas feitas, não é razoável refutar o modelo cartesiano enquanto sistema reflexivo.

⁷ Embora dito, não objetivamos produzir textos apologéticos, *plenos de elogios*, mas reflexivos. Relativamente à atitude de Freire frente à injustiça, Cirigliano (2000, p. 13) lembra que o autor *cultiva una intolerancia existencial*.

compreender [...]. [É assim que o] “trabalho de Freire não reduz o mundo a um texto. Em vez disso, estipula as condições de possibilidade de discursos diversos, concorrentes e conflituais [...].” (McLAREN, 1998, p. 66).

É dessa forma que se colocam, em Freire, perspectivas de formação para a cidadania crítica, com competências para realizar intervenções sociais de forma autônoma e criativa, a partir do que a liberdade e a autonomia podem constituir-se. Retornamos a Freire... porque escreve com *raiva e amor*, sem o que não há esperança; porque defende a tolerância, não o intolerável; porque faz radical crítica ao radicalismo; porque ante tempos em que se recusam o sonho e a utopia, resgata a formação crítica em que a história é fascinante aventura de desvelamento da verdade e não determinismo; porque critica a democracia quando não passa de *democratização da sem-vergonhice*; porque testemunha a esperança como sentimento humano que, teimosamente, o coloca [e também a nós] diante de imperativos da existência histórica; porque crê na possibilidade do *inedito viável* que desafia humanos a romper redes de opressão; porque aproveita a riqueza da linguagem metafórica, sem perder a rigorosidade, para habilitar as pessoas à compreensão da história e à prática de ações para fazer o mundo um lugar *belo* para viver.

E com essa força a *obra* de Freire permite declarar que há uma diretriz que possibilita fundamentar as dimensões epistemológica, política⁸, pedagógica e moral, o que torna a retomada das suas concepções oportuna e necessária, eixo fundamental à reflexão em torno de projeto histórico. E seguimos com Freire... porque ajuda a sustentar que o projeto de organização das relações humanas, ora em andamento, deve ser problematizado, pois, como bem assinala Caldera (1996), “o mundo contemporâneo enfrenta, entre outras, uma contradição essencial: por um lado, o consumo ilimitado como lógica fundamental e, por outro lado, os recursos limitados de que dispõe a natureza”. O autor sublinha que a “civilização dos objetos descartáveis substituiu a possibilidade de uma civilização de conteúdo realmente humano”. É por isso que o *consumo indefinido*, onde se firma o sistema contemporâneo, “exige implacavelmente que as coisas se usem e se descartem a um ritmo e a uma velocidade que façam possível a produção de novos objetos [...] que deverão ser descartados para dar lugar a outros, e assim sucessivamente” (p. 69). Para estimular consumidores e a prática do consumismo, “utilizam-se como iscas recursos capazes de nos fazer sentir mais e pensar menos. Isso vale para a publicidade, para certos programas de televisão e até para rituais religiosos” (FREI BETTO, 1999, s/d). Freire tensiona com seus conceitos de ética, amor, autoridade, liberdade, entre outros, o estado cultural banalizado também pela via da escola. Muito particularmente, Freire tensiona a

⁸ Em pauta está a formação à intervenção social crítica, com a qual as pessoas tornam-se sensíveis à *produção* e não apenas ao *consumo*. Embora o quadro social a partir do que a educação acontece, arrisco afirmar, com desenho de Illich (1973, p. 75), que “ensina-se aos consumidores, isto é, aos alunos, a não consumir senão o que se pode pôr no mercado”.

intolerância dos tempos atuais com o chamado e a convocação à dimensão ontológica central do humano: o diálogo.

Diálogo como marca da vontade e capacidade humana de construir relações, tensionar visões, estabelecer conexões, fomentar perspectivas. Diálogo como forma pela qual criamos modos de dizer algo do que Freire indaga ou interpela, em mim e por meio de nós, frente a tudo isso que aí [aqui] está. Diálogo inclusivo porque refuta o exclusivo, o estabelecido, o padronizado. Por isso bem mais fértil é dizer diálogos freirianos. O que aqui temos à mão, trazido por diferentes autores e autoras, reflete ideias, percepções, gestos; nada mais do que exercícios de pensamento e experimentações de escrita. O que temos à mão são testemunhos da força do legado e do pensamento freiriano, do reverberar e recriar existências, o que somente nós, enquanto humanos, somos capazes de dizer.

E é na esteira do diálogo que queremos aqui fomentar o pensamento crítico, a reflexão ética, a rigorosidade intelectual, a generosidade humana; e tudo isso [e talvez muito mais] esperamos com os textos que compõem a Seção Temática deste volume do Cadernos de Educação, Faculdade de Educação, UFPel.

Agradecemos a parceria de **Balduino** Antonio Andreola (UFRGS) – “Paulo Freire e a condição da mulher”; **Martinho** Kavaya (ISPOCQB-Angola) – “Paulo Freire e a sua função social no desenvolvimento do homem na actualidade de Angola: abordagem da realidade socieducacional a partir de Paulo Freire”; **Cláudia** Batestin (UNOCHAPECÓ), Francisco Gárate Vergara (UDLA-Chile) e Cênio Back Weyh (URI) – “Cem anos de Paulo Freire: esperança, utopia e transformação”; **Isabela** Camini (UERGS) – “Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida”; **Thiago** Ingrassia Pereira (UFFS) – “O centenário de Paulo Freire e a recontextualização da Educação Popular: possibilidades de uma pedagogia situada”; **Jaime** José Zitkoski (UFRGS), Itamar Luís Hammes (IFSUL) e Lúcio Jorge Hammes (UNIPAMPA) – “O legado da pedagogia freiriana: possibilidades para reencantar a educação”; **Celso** Ilgo Henz (UFSM) e Melissa Noal da Silveira (UFSM) – “Centenário de nascimento de Paulo Freire: um legado de fraternuras e de auto(trans)formação com as gentes e o mundo”; **Ana Lúcia** Freitas (Unipampa – Campus Jaguarão; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França) – “Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento”; e **Alexandre** Reinaldo Protásio (UFPEL) – “100 anos de Paulo Freire: diálogos com Antônio Gramsci sobre senso comum, imersão e intransitividade”.

Referências

CALDERA, Alejandro S. *Os dilemas da democracia*. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

CIRIGLIANO, Gustavo F. J. Reflexiones del viejo profesor. *Cadernos de Educação*. Pelotas, FaE/ UFPel, n. 14, p. 7-17, jan./jun. 2000.

FREI BETTO. O lado avesso da pele. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Folha de São Paulo, 1999.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter; GADOTTI, Moacir (orgs.). *Freire: poder, desejo e memórias de libertação*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MCLAREN, Peter. *A pedagogia da possibilidade de Paulo Freire*. Educação, Sociedade & Culturas. Paulo Freire. n. 10. Porto: Afrontamento, 1998. p. 57-82.

MCLAREN, Peter. *Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TORRES, Carlos Alberto. De Pedagogia do Oprimido à Luta Continua: a pedagogia política de Freire. In: MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter; GADOTTI, Moacir (orgs.). *Freire: poder, desejo e memórias de libertação*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Recebido em: 28/10/2021

Aceito em: 26/11/2021

Gomercindo Ghiggi

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor titular aposentado da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, com estudos sobre Paulo Freire, educação popular, formação de professores, autoridade, liberdade e educação.

Contato: gghiggi@terra.com.br

Marta Nörnberg

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tem experiência na área de Educação, com estudos sobre formação de professores, teoria e prática pedagógica, docência e práticas de ensino nos anos iniciais, ética do cuidado em educação.

Contato: martanornberg0@gmail.com